

Meu Caro Delfim...

Delfim Santos e o Brasil

Introdução

Disse um dia o famoso professor de Delfim Santos, Leonardo Coimbra: «Tenho uma espécie de nostalgia do Brasil como se fosse também um pouco da minha terra e nunca lá fui».¹ Tal sentimento foi partilhado por grande parte da geração de escritores e pensadores portugueses que, nascidos nos alvares do século XX, sentiram o apelo da América Portuguesa e a percorreram para conferências ou lições, renovando a nostálgica rota de poetas e prosadores, artistas e pensadores que ao longo de centúrias aproximara as duas margens do Atlântico.² Alguns, pensando fugir da situação política, reivindicaram mais tarde o título de ‘exilados’ mas não era da política exatamente que eles fugiam, e até «difícilmente deixariam de estar em oposição a qualquer governo que se estabelecesse no [seu] País».³ Mais do que questões de regime, o português constricto entre o mar e a árida Castela tem mesmo de sair para crescer, como lembra Agostinho: «os [portugueses] dos séculos XV ou XVI, que achavam que para eles o ar de Portugal se tinha tornado irrespirável, esses foram voluntariamente. E a mim mesmo, nenhum governo me mandou embora. Foi a mim que me apeteceu embarcar porque também já não podia respirar o ar de Portugal (...) e assim inseri-me na corrente brasileira abandonadamente».⁴ Para Agostinho, companheiro de estudos de Delfim, a raiz do problema encontrava-se sim na universidade portuguesa e sua opressora herança cultural: «o que realmente ameaçava o País era o obscurantismo coimbrão e o mesquinho espírito do quintal das couves».⁵ Tão generalizado era este que muitos dos que partiram eram também afinal produto da horta... Foi por isso que Eduardo Lourenço lhes contestou esse ‘exílio’: «não foi, para ninguém, caso de vida ou morte» e além do mais «para um português, ir ou partir para o Brasil nunca foi precisamente um exílio», melhor se diria «viagem do mesmo para o mesmo», «terra de acolhimento, não de exílio».⁶

¹ - COIMBRA, Leonardo (2010) *Obras Completas* VI, Lisboa: INCM, 76.

² - Uma listagem sumária de escritores e pensadores portugueses que nasceram, viveram, ensinaram ou morreram no Brasil incluiria, para além dos citados, e entre muitos outros, Gomes de AMORIM, Joaquim Paço d'ARCOS, Carlos Maria de ARAÚJO, João Lúcio de AZEVEDO, Gastão de BETTENCOURT, Afonso BOTELHO, António BOTTO, Barbosa du BOCAGE, Marcello CAETANO, António Pinto de CARVALHO, Ferreira de CASTRO, Ernesto Melo e CASTRO, Tomás Ribeiro COLAÇO, Jaime CORTESÃO, José Marques da CRUZ, Júlio DANTAS, Carlos Malheiro DIAS, Rebelo GONÇALVES, Rodrigues LAPA, Fernando LEMOS, José Rodrigues MIGUÉIS, Sidónio MURALHA, Carlos de OLIVEIRA, José Osório de OLIVEIRA, Paulino de OLIVEIRA, Ana de Castro OSÓRIO, João de Castro OSÓRIO, João Sarmento PIMENTEL, Álvaro PINTO, Jorge de SENA, António SÉRGIO, Castro SOROMENHO e Miguel TORGA.

³ - SILVA, Agostinho da (1974, 2007) 401.

⁴ - SILVA, Agostinho da (1994, 2006) 101.

⁵ - SILVA, Agostinho da (1974, 2007) 401. Debalde tentaria Leonardo Coimbra extirpar o foco infeccioso que corroía a *intelligentsia* portuguesa pela gorada supressão da Faculdade de Letras coimbrã.

⁶ - LOURENÇO de Faria, Eduardo (2009) 292, 290-291. O próprio Agostinho insiste no carácter positivo das idas para o Brasil quando, em prefácio a livro escrito por um empresário que fugia ao novo regime instaurado em 1974, Manuel VINHAS (1976) *Profissão: exilado*, Lisboa: Meridiano, escrevia que «os negócios o afastavam de si próprio, relegando quase para tempo nenhum o seu gosto de

Meu Caro Delfim...

Em seu dia foi essa senda para um Portugal maior singrada por Delfim Santos, ainda que por apenas duas breves permanências, porém ricas de consequências. Bem mais longas foram as estadas de seus dois conterrâneos portugueses e condiscípulos da Faculdade de Letras do Porto, Agostinho da Silva (1906-1994) e Adolfo Casais Monteiro (1908-1972), que construíram no Brasil carreiras universitárias impensáveis em terras lusas. E longa foi também a do seu – e do classicista Agostinho – antigo mestre de línguas clássicas Urbano Canuto Soares (1894-?), tal como a de Fidelino de Figueiredo (1888-1967) o professor que o examinara em História no final de seu estágio para professor ginásial no Liceu Normal de Lisboa, ou a do seu amigo Eudoro de Souza (1911-1987); assídua será a presença no Brasil de seu antigo professor na Fac. Letras do Porto Hernâni Cidade (1887-1975) ou a de seu colega na Fac. de Letras de Lisboa, Vitorino Nemésio (1901-1978). Sem esquecer as de Jorge de Sena (1919-1978) e mesmo a mais curta de Eduardo Lourenço (1923-).

Breves como foram, as duas visitas de Delfim ao Brasil e as peças resultantes do carteio transatlântico entrecruzam-se com tantas dessas outras vidas: podemos ler aqui que foi Delfim quem articulou a ida de Eudoro de Souza para a Universidade de São Paulo, já depois de lhe ter facultado anterior colocação como leitor em Heidelberg, na Alemanha, e de ter escrito ao Reitor Ireneo Fernando Cruz da Universidade Nacional de Cuyo, Argentina, com igual propósito.⁷ Tal como Casais, Delfim foi convidado para um dos congressos de São Paulo de 1954 e tal como seu amigo Jorge de Sena foi convidado para o da Bahia de 1959, nessa Bahia onde lhe quiseram entregar a regência de uma cadeira de Filosofia, convite que declinaria por razões familiares, tendo sido Eduardo Lourenço a lecionar a matéria em Salvador entre 1958 e 1959. Para que o próprio Delfim se radicasse em terras de Vera Cruz não faltou no início vontade, nem no final oportunidade, porém uma e outra não lograram coincidir.

A epistolografia delfiniana referente ao Brasil divide-se em quatro ciclos. O primeiro, dos anos 20 do século passado e transcorrido durante sua adolescência, encontra-se ausente deste volume. Já em um segundo bloco, de finais dos anos 30, se afloram temas de cultura e de literatura tendo como principal interlocutor Fidelino de Figueiredo, à data lecionando na Universidade de São Paulo. A terceira etapa, de finais dos anos 40 a inícios dos 50, é a mais propriamente filosófica em conteúdo, triangulando o pensador português a dois dos três grupos em que se achava dividida a filosofia paulistana: chamemos primeiro grupo àquele falanstério tão inclusivo reunido em torno a Miguel Reale (1910-2006) «no Instituto Brasileiro de Filosofia (IBF), que fundei em 1949, ao exercer, pela primeira vez, as funções de Reitor da Universidade de São Paulo (1949-50), reunindo pensadores de todos os Estados, acima de ideologias e correntes doutrinárias»,⁸ e agregando Luís Washington Vita (1921-1968), o português António Pinto de Carvalho e muitos outros que participam ou são nomeados neste carteio. Era um grupo semi-institucional, isto é, Miguel Reale atuava na filosofia mas a partir do Direito, como Delfim em uma situação algo paralela o fazia a partir

escrever, de estudar e de marchar, e decerto obrigando-o a frequentar muito lugar e muita gente que lhe não respondiam ao mais profundo; foi empresário, proprietário, administrador, negociador de acordos, e não sei que mais; faltava-lhe cumprir [com a ida para o Brasil] o dever primordial de nós todos: sermos o que somos». Para um português, o Brasil é sempre o lugar de eleição para o encontro consigo próprio.

⁷ - Nesse ano de 1949 Eudoro publica um ensaio nos *Anales de Arqueología y Etnología de la Universidad Nacional de Cuyo* intitulado 'Mitología y Ritual' .

⁸ - Miguel REALE *apud* Jayme Vita ROSO, *Luiz Washington Vita, A Esperança Perene do Filosofar Luso-Brasileiro*, 2003, 3.

Meu Caro Delfim...

da pedagogia, pois seus membros estavam excluídos do ensino universitário desta disciplina embora criassem espaços próprios de atuação, como cursos no IBF, por exemplo, nos quais Eudoro também participou. Porém monopolizando a filosofia acadêmica estava o segundo grupo, o chamado «grupo da Rua Maria Antônia» composto por tardopositivistas e filomarxistas dirigidos por João Cruz Costa, com os quais o filósofo português não iria ter quaisquer contatos.⁹ Finalmente uma última tribo se revelaria a mais criativa e original, orgulhosamente marginal a academicismos e com pronunciados interesses pela mitocrítica, pela estética e pelas artes, inspirada em Nietzsche e Heidegger e em escritores de pendor reacionário e contestatário como D. H. Lawrence, Mircea Eliade, W. B. Yeats, Stefan George, Emil Cioran e Julius Evola. Congregava-se em torno a Vicente Ferreira da Silva (1916-1963) e atraía os portugueses Eudoro e Agostinho, o primeiro já consistente helenista de escola alemã e o segundo em fase bem pós-seareira, liberto das diletâncias de Antônio Sérgio de Sousa e tendendo agora para o místico-providencialismo, corrente portuguesa representada na poesia por Pascoaes e por Pessoa ‘mensageiro’; ou, como foi definitivamente colocado algures, um novo Agostinho já prestes a seguir pouco após para a Bahia, disposto a vencer «as barreiras da ignorância, da afetação de província, da calúnia, da inveja, da intriga e da fofoca, para não falar do entrave do delírio esquerdofrênico» a fim de apontar à jovem geração baiana «o caminho da ousadia, estimulando-a em direção à abertura de espaços rebelionários».¹⁰ O que destarte nos remete ao último ciclo epistolar delfiniano, de finais dos anos 50, substanciado precisamente em contatos com os *brasilusistas* de ambas as praias atlânticas então acorrentes a Salvador, como o mesmo Agostinho, para atuarem na Universidade da Bahia por iniciativa dos médicos Hélio Simões (1910-1987) e Edgar Santos (1884-1962), alguns com o apoio do Instituto de Alta Cultura português representado por seu secretário Medeiros-Gouvêa. Como se infere da leitura destas cartas, um dos principais objetivos de Edgar, *Reitor da Bahia inteira* no dizer de Lourenço,¹¹ era trazer Delfim para Salvador; gorado que lhe foi este intento, seria a vez de Hélio Simões insistir debalde em que Delfim comparecesse ao que se tornaria o renomado IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros (10 a 20 de agosto de 1959).

A publicação desta correspondência, como a de outras que se preparam para breve, irá recuperar um pouco da imbricada tessitura desses anos fortes que associaram luso-brasileiros

⁹ - A nomeação sem concurso de João Cruz COSTA para catedrático de Filosofia na USP valeu a Miguel REALE o seguinte comentário em entrevista a Bruno TOLENTINO, *Revista República*, 01.99: «À minha geração e à que se seguiu à minha jamais foi explicado como e por que um homem com a formação intelectual de Cruz Costa possa ter sido nomeado catedrático de filosofia da Universidade de São Paulo... Não obstante a irregularidade do concurso, eu não posso contestar os méritos de João Cruz Costa, por sinal meu amigo desde meu tempo de estudante de Direito. Além de filósofo por vocação, tinha interesse pela experiência filosófica brasileira, que ele não soube compreender plenamente, em virtude de seu positivismo, por sinal combinado com o marxismo. É possível que ele viesse a vencer o concurso, mas teria sido altamente precioso para a filosofia na USP a entrada com ele de um existencialista do porte de Vicente Ferreira da Silva Filho ou de um idealista hegeliano da capacidade de um Renato Cirell». Situação similar em Portugal à de Joaquim de CARVALHO, com quem Luís Washington VITA ensaiará aproximações e que ascendera à cátedra em 1919 por via de decreto. Examinador de Delfim em todos seus exames para concurso na carreira universitária, irá em 1953 a São Paulo, a convite de João Cruz Costa, para lecionar um curso; existem no espólio do professor coimbrão nada menos que 85 cartas do seu homólogo brasileiro, ainda por estudar e editar.

¹⁰ - Antônio RISÉRIO (1995) *Avant-garde na Bahia*, São Paulo: Instituto Lina Bo Bardi, 24.

¹¹ - Ver carta nº 111.

Meu Caro Delfim...

e brasilusos dos dois hemisférios, em um tempo em que os do norte com prazer trocavam os braços frios de sua velha e seca madrasta pelos da jovem e cálida indígena do sul.

O Brasil na vida de Delfim Santos

Viajemos então aos inícios da sedução pelo Brasil sentida por Delfim. Ela mergulhava profundas raízes em sua infância e juventude: tendo nascido em meios singelíssimos do velho burgo nortenho, a jusante das serpentinhas margens durienses tão sangradas pela emigração de começos do séc. XX, assistiu à debandada para o Brasil de toda a sua família materna, com exceção de sua mãe. Era então por múltiplas veredas que chegavam a Delfim relatos mágicos de singulares vivências dos trópicos: quer pelas cartas que trocava com seus familiares estabelecidos no Novo Mundo, bem como com um amigo de adolescência, o jovem Cyrillo Santiago a quem Delfim, em 1925, com 17 anos, destinou algumas de suas primícias epistolares para o admoestar com «conselhos que atravessam o Atlântico»,¹² quer pelas conversas com amigos, conhecidos, colegas; ou as que teve com suas tias após o regresso destas ao vale do Douro, onde construíram os afamados ‘solares de brasileiro’ destinados a exhibir aos passantes a boa fortuna de (alguns dos) emigrados. O Brasil se fazia representar por toda a parte naquele pequeno mundo: tal como sucedera a Eça de Queiroz e seu servente brasileiro em Verdemilho, meio século antes,¹³ ou com Almeida Garrett e sua ama mulata,¹⁴ este igualmente no Porto um século antes, o imaginário ao alcance das leituras dos garotos lusos entre xácaras e literatura de cordel abarcava aventuras na selva, na floresta e no sertão. Importante em Portugal entre os sécs. XVI e XVIII, esses pequenos cadernos em papel pobre nasceram quase com a imprensa e que após cruzarem o Atlântico nos barcos portugueses iriam florescer no Brasil, sobretudo como suporte à poesia repentista do árido solo nordestino. Da biblioteca infantil de Delfim conservam-se ainda dois raros espécimes com diferentes versões de *O menino da mata e o seu cão Piloto*, um relato que Delfim recordava ter impressionado muitíssimo seu imaginário infantil, e não seria para menos: Graciliano Ramos nos conta em *Infância* o sofrimento por que passou por via de «uma terrível proibição, relativa à brochura de capa amarela» que a prima considerava coisa do diabo, essa mesma narração que o pequeno Delfim, quinze anos mais jovem que Graciliano, iria ler no Porto com tanta emoção.¹⁵

¹² - Ver cartas nº 1, 2 e 3, OC 4, 1998, às quais se seguem cronologicamente as dirigidas a seu colega Casais MONTEIRO, mais tarde emigrado também para o Brasil.

¹³ - «A minha mais remota recordação é de escutar, nos joelhos de um velho escudeiro preto, grande leitor da literatura de cordel, as histórias que ele contava de Carlos Magno e dos Doze Pares», Eça de QUEIROZ, ‘O Francesismo’, *Obras de E. de Q.*, ed. do Centenário, vol. XI, Porto: Lello, 1947, 334. As aventuras do ciclo carolíngio eram das mais populares neste gênero literário.

¹⁴ - «Rosa de Lima (...) nascida no Brasil, repassava as suas narrativas daquela suave tristeza que a saudade gera nas almas dos proscritos», Francisco Gomes de AMORIM (1881) *Garrett, Memórias Biográficas I*, Lisboa: Imprensa Nacional, 64.

¹⁵ - Apesar das dificuldades com as letras miúdas do folheto que lia «como quem decifra uma língua desconhecida» esse romance representava para Graciliano menino uma clareira de liberdade que lhe permitia pensar «nas crianças que vencem gigantes e bruxas, vencem o medo da floresta»; porém, «esmagado» pelo dever e pela culpa cedeu à proibição: «Chorei, o folheto caído, inútil. O menino da mata e o cão Piloto morriam. E nada para substituí-los. Imenso desgosto, solidão imensa. Infeliz o menino da mata, eu infeliz, infelizes todos os meninos perseguidos, sujeitos aos cocorotes, aos bichos que ladram à noite», Maria MORTATTI, *História dos Métodos de Alfabetização no Brasil*, 2006.

Meu Caro Delfim...

Se todos à volta dele embarcavam para a ‘terra da promessa’, a vida parecia não sugerir a Delfim a quimera migratória, à qual ele irá preferir uma vida de estudos. Em tempo recorde prepara como aluno externo os exames finais do curso liceal e em 1927 matricula-se em boa hora nos últimos cursos universitários de Matemática e Filosofia de sua cidade que estão já para fechar, e dos quais terminará o último em 1931, no próprio momento em que se extinguiu a legendária Faculdade de Letras portuense, esse «exemplo de uma escola livre e criadora» no dizer de Agostinho.¹⁶ Dos 167 egressos deste fecundo viveiro somente Delfim conseguiu fazer carreira em uma das outras faculdades portuguesas concorrentes (já Agostinho e Casais lecionarão no Brasil) que sempre foram hostis ao escol de talentos saídos daquele subversivo e inovador alfobre da *alma mater* portuense: a de Lisboa o irá acolher 12 anos após sua formatura e 3 anos após o doutorado. Inicia sua carreira em 1943 vinculado a se apresentar a futuros concursos públicos para permanecer e progredir na hierarquia universitária, os quais Delfim irá vencer com brilho. Antes, porém, dessa carreira universitária, ele iniciara uma outra ao terminar sua formatura, tal como quase todos seus colegas: a de professor ginasial, para a qual cumprirá o estágio e o exame na classe profissional, e que abandonará no ano seguinte para, com o apoio de uma bolsa do Instituto para a Alta Cultura português, aprofundar seus estudos filosóficos em Viena de Áustria e Cambridge, de 1935 a 1937. A contragosto, porém: era para Friburgo e para estudar com Heidegger que desejara ir, e não para estes centros do neopositivismo, do qual se tornará bem informado crítico. Ao terminar a bolsa as autoridades portuguesas lhe propõem um posto de leitor de língua portuguesa em Berlim, que ocupará entre 1937 e 1942, e graças ao qual pôde preparar sua tese de doutorado sob orientação de um antigo colega de Heidegger, Nicolai Hartmann, de cuja corrente ontofenomenológica se aproxima marcadamente por essa época.

É nesse novo cenário, longe de Portugal, que o Brasil volta a povoar seus sonhos e projetos.

O Instituto para Portugal e Brasil

O primeiro encontro propriamente acadêmico de Delfim com o Brasil ocorre por suas funções de leitor no quadro do *Institut für Portugal und Brasilien in Berlin*, o centro de estudos luso-brasileiros da então *Friedrich-Wilhelms-Universität* – hoje a *Humboldt-Universität*, do nome do seu fundador, o irmão do célebre naturalista, viajante e estudioso da Amazônia. Este instituto berlinense criado em 1936, apenas dois anos antes da chegada de Delfim à Universidade da capital alemã, fora o último dos dedicados à luso-brasilianística que surgiram nas universidades germânicas como fruto de um notável labor científico e cultural de uma geração de pioneiros lusistas e brasilianistas alemães. O interesse pelo mundo lusófono principiara na virada do século em Hamburgo e frutificara depois em Colônia, Aachen e Bona.¹⁷ No momento, Delfim encontra o Instituto «muito mal entregue a um secretário alemão que estraga tudo», mas no âmbito das suas responsabilidades como leitor

¹⁶ Agostinho da SILVA, *Caderno de Lembranças*, Corroios: Zéfiro, 2006, 74.

¹⁷ - Todos estes institutos culturais cessaram as suas atividades em 1945, incluindo o Seminário de Hamburgo fundado em 1908 e os que foram estabelecidos depois. No pós-guerra alguns lusistas alemães continuaram a exercer atividade nos seminários de romanística de diversas universidades, mas o luso-brasilianismo perdeu a força institucional que usufruía no panorama universitário alemão. Ver Erich KALWA, *Die portugiesischen und brasilianischen Studien in Deutschland (1900–1945): ein institutionengeschichtlicher Beitrag*, Frankfurt: Domus, 2004, com várias referências institucionais às atividades de Delfim no leitorado berlinense.

Meu Caro Delfim...

ele prepara uma profunda remodelação: «neste segundo ano espero dar ao Instituto uma organização séria».¹⁸

Cabia-lhe a responsabilidade de ministrar palestras, convidar e receber conferencistas e promover contatos entre o mundo alemão e o lusófono, divulgando escritores contemporâneos de Portugal e do Brasil: «O que faço por cá? Obrigatoriamente algumas lições por semana sobre poesia contemporânea em Portugal¹⁹ e um curso sobre história e colonização do Brasil. Além disto cursos de língua portuguesa». É assim que renova o seu intermitente namoro com o Brasil, agora a partir do seu posto no leitorado: terá de familiarizar os alemães com um Brasil literário e intelectual do qual ele próprio pouco conhece, conforme se queixa a Fidelino de Figueiredo, então recém-partido para São Paulo: «eu mesmo desconheço muito da vida intelectual do Brasil».²⁰

Em Lisboa, para onde Delfim se mudara, Fidelino de Figueiredo (1889-1967) fora um de seus examinadores no exame chamado ‘de Estado’ que finalizava o estágio de dois anos de preparação para o professorado liceal/ginasial. Assim lemos na entrada do seu *Diário* de 24 de julho de 1934: «História – boa prova com Fidelino de Figueiredo». É talvez devido a esse exame feliz que Delfim mantém uma cordial amizade com o mestre português representante da anterior geração;²¹ em 1952 visita-o no Hospital de Santo António do Porto, onde este esteve internado após seu regresso a Portugal;²² e em 1955 consagra Fidelino como «humanista profundamente humano»,²³ testemunhando uma «amizade em convivência tão fundamente envolvente e sugeridora de aperfeiçoamento» quando, a convite de Fidelino, apresentou publicamente e resenhou cinco dias depois a obra fideliana *Música e Pensamento*.

É no ano de 1938 que Fidelino inaugura os estudos portugueses no Brasil em moldes universitários criando o primeiro Centro de Estudos Portugueses, o da Universidade de São Paulo.²⁴ Segundo este modelo foram depois criados em 1943 no Rio de Janeiro o ‘Instituto de

¹⁸ - Em carta para Luís CARDIM de 19.12.38, *OC* 4, 1998, n° 125.

¹⁹ - Delfim apoiou-se no grupo de jovens seus coetâneos da revista *Presença* e nos estudos sobre poesia que eles desenvolveram, sobretudo José RÉGIO (1901–1969). Cf. carta de Delfim a J. MARINHO, *OC* 4, 1998, n° 53, de ago/set 1956: «Quis escrever ao Reis Pereira (...) (h)á na poesia alemã muita coisa que lhe interessaria» (...) «De todas as revistas só naturalmente a *Presença* nos pode interessar». Também escreve a Gaspar SIMÕES, *ibid.*, n° 68, de 19.11.37: «Em breve far-se-á a encomenda da coleção da *Presença* (...). Nada encontrei aqui da nossa geração e vou suprir largamente essa falta. Aliás o ambiente é grandemente favorável a esse intento».

²⁰ - Carta n° 8 de 13.05.39. Situação diferente alguns anos mais tarde, quando os rotários de Lisboa convidam Delfim para uma palestra sobre «qualquer assunto que esteja ligado ao Brasil, por virtude de umas homenagens que desejamos prestar a esse país», conforme se lê em carta do CONDE DE CARIA com data de 07.11.52.

²¹ - Em contraste com vozes desacordes à sua dedicação ver as cartas n° 43 e 44 de Vicente Ferreira da SILVA e Luís Washigton VITA, respetivamente de 10.01.52 e 31.01.52, com as quais Delfim em absoluto discordava, testemunhando sempre seu reconhecimento ao grande hispanista seu amigo.

²² - Carta a Casais Monteiro de 29.08.52.

²³ - Delfim SANTOS, resenha de Fidelino de FIGUEIREDO, *Música e Pensamento*, *Diário Popular* 26.01.55 e *OC* 2², 1982, 219-21. Ecos deste mote no título *Um Homem na sua Humanidade* que Fidelino publica em 1956.

²⁴ - Ver Antônio S. AMORA (1994) Fidelino de Figueiredo na origem dos estudos de Literatura Portuguesa no Brasil, *Estudos Avançados* 8-22, São Paulo, set./dez. .

Meu Caro Delfim...

Estudos Portugueses' e por obra de Hélio Simões, em Salvador, o 'Círculo de Estudos Portugueses' em 1949, que em 1955 passou a 'Instituto de Estudos Portugueses'.²⁵

Pelo exemplo de Fidelino, Delfim se empolga com a ideia de trocar o sufocante leitorado de Berlim e suas condições duríssimas desde o início da Guerra por um posto de professor de filosofia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da jovem Universidade paulista. Confidencia a Fidelino neste carteiro o desejo de se juntar a esses mestres pioneiros que do estrangeiro foram para a grande metrópole criar uma universidade segundo o modelo europeu, sobretudo o francês. É a primeira tentativa documentada de Delfim de sua longa e infrutífera busca por uma cátedra universitária na área filosófica: essa possibilidade lhe será oferecida em Berlim em mau momento e por ele recusada; insiste em se mudar para São Paulo em 1954 na carta n.º 82 para o amigo Eudoro mas após a ida ao Brasil nesse ano não leva adiante esse projeto; haverá ainda Salvador em 1957, como lemos nas cartas baianas aqui publicadas, logo após Coimbra em 1958, por via de Cabral de Moncada, que lhe sugere reorientar-se para a Filosofia do Direito²⁶ e por fim Lourenço Marques (Moçambique) em 1963, aquando da fundação de seus Estudos Gerais Universitários, a convite de Veiga Simão corroborado pelo Governador-Geral Sarmento Rodrigues,²⁷ tentativas todas elas malogradas. Por agora as diversas procrastinações ocasionadas pela evidente falta de empenho institucional além-Atlântico irão reter Delfim em Berlim até ao verão de 1942, quando, contra sua vontade, regressa a Portugal com cada vez menos esperanças de se transferir para o Brasil. Porém, em carta de 21.05.45,²⁸ Fidelino escreve profético: «Desejo-lhe tudo bom, principiando pela saúde e acabando por uma próxima viagem à América do Sul... Não está esquecida essa hipótese»; como previu Fidelino, a viagem não iria ser propriamente para o Brasil e sim para 'América do Sul' como ele anunciou e ainda tardariam outros quatro anos para o vaticínio se cumprir.

Reencontro com o Brasil em Mendoza

A relação mais intensa de Delfim com a vida intelectual brasileira iria enfim ocorrer sete anos após ter deixado o Instituto de Berlim. Não foi no Brasil nem em Portugal mas em país terceiro, no decurso dos trabalhos do *I Congreso Nacional de Filosofía da Argentina*, realizado em Mendoza de 30 de março a 9 de abril de 1949, sob os auspícios da *Universidad Nacional de Cuyo*. Um épico congresso com 284 participantes, colocado sob o signo de «*la fenomenología, la axiología y sobre todo el existencialismo y el tomismo*»²⁹, e ao qual mais bem se chamaria internacional dado o peso e importância dos convidados estrangeiros.³⁰ O evento contou com fundos extraordinários devido ao seu apadrinhamento por parte do presidente Juan Domingos Perón³¹. Entre os 111 membros ausentes que enviaram comunicações contavam-se Martin Heidegger, Nicolai Hartmann, Karl Jaspers, Werner Jaeger, Jacques Maritain, Maurice Blondel e Gabriel Marcel; entre os 173 membros presentes

²⁵ - Ver *infra* as cartas provindas de Salvador da Bahia.

²⁶ - OC⁴, carta n.º 277.

²⁷ - Em carta de 19.02.63.

²⁸ - Não publicada neste volume porque escrita de Lisboa.

²⁹ - <http://www.filosofia.org/ave/001/a137.htm>.

³⁰ - Cf. lista completa em <http://www.filosofia.org/ave/001/a140.htm>; veja-se a crônica e índice das *Actas* em <http://www.filosofia.org/mfb/1949arg.htm>.

³¹ - <http://www.filosofia.org/mfb/1949a102.htm>.

Meu Caro Delfim...

estavam Hans-Georg Gadamer, Eugen Fink, Fritz-Joachim von Rintelen e Ernesto Grassi³²; quanto aos brasileiros presentes, com quem Delfim estabeleceu sólidos contatos e que iremos encontrar tão amiúde nesta recolha epistolar, foram eles os filósofos Vicente Ferreira da Silva e Luís Washington Vita e o pedagogo Antônio Carneiro Leão (1887-1966) que fundara na Universidade do Brasil o Centro Brasileiro de Pesquisas Pedagógicas, algo similar ao que Delfim sonhava fazer em Lisboa. Sobre Carneiro ele escreverá na entrada acerca da ‘Pedagogia no Brasil’, que ele foi um dos pioneiros do movimento da Escola Nova brasileira.³³ Portugal contou somente com duas participações efetivas: Delfim Santos pela Universidade de Lisboa e o P.^o Severiano Tavares, SJ, da Faculdade de Filosofia de Braga;³⁴ enviaram comunicação o bracarense P.^o Diamantino Martins, da mesma faculdade jesuíta, e o professor coimbrão Joaquim de Carvalho (1892-1958).³⁵

Neste congresso a participação de Delfim foi dupla: para os trabalhos de metafísica contribuiu com uma exploração da ontologia heideggeriana que intitulou *Da Ambiguidade na Metafísica*. Do destaque merecido por este seu trabalho é testemunho a resenha das *Actas* elaborada por José Ferrater Mora:

The special and more technical sessions were thirteen. I. ‘Metaphysics’, with twenty-six papers on all kind of imaginable topics (above all the ‘human person’), some good (Delfim Santos, Nicolai Hartmann, who resumed ably his ideas on Ontology), some unreadable (Avelino) and some unintelligible (Klages).³⁶

Delfim apresentou também, na seção de filosofia da educação, a conferência ‘Pedagogia como Ciência Autônoma’, ou seja o capítulo inicial da sua *Fundamentação Existencial da Pedagogia* (1946), intitulado originalmente ‘Pedagogia como Ciência’. Esta obra conheceu grande sucesso no Brasil ao ganhar em 1951 uma edição paulista de 1000 exemplares por iniciativa de João de Souza Ferraz,³⁷ igualmente presente em Mendoza onde apresentou

³² - <http://www.filosofia.org/ave/001/a139.htm>.

³³ - Ver infra, Anexo II-5.

³⁴ - Severiano TAVARES foi o fundador da *Revista Portuguesa de Filosofia*, editada pela mesma Faculdade a partir de 1945; Em Mendoza Severiano TAVARES dissertou sobre Francisco Sanches e o problema da certeza – veja-se a crônica e índice das *Actas* em <http://www.filosofia.org/mfb/1949arg.htm>. No final do evento Delfim adoeceu gravemente com uma pneumonia e foi Severiano TAVARES quem, como dedicado amigo, o rodeou de constantes cuidados, pelo quais o filósofo lhe ficou sempre muito grato. No espólio de Delfim a primeira carta de TAVARES data de 1949 e a última de 1954 – algumas peças se referem ainda a Mendoza, outras se reportam à projetada criação da *Associação Portuguesa de Filosofia* e todo este carteggio está publicado em Filipe Delfim SANTOS e José António ALVES, *Delfim Santos e a Escola de Braga*, Braga: Faculdade de Filosofia, 2011.

³⁵ - Sobre a relação deste com o Brasil ver Joaquim de Montezuma de CARVALHO (1958) *Joaquim de Carvalho no Brasil: juízos e depoimentos*, Coimbra: Atlântida.

³⁶ - José Ferrater MORA, resenha de Luis Juan GUERRERO (ed.) *Actas del Primer Congreso Nacional de Filosofia, Philosophy and Phenomenological Research*, 12- 2, 312.

³⁷ - João de Souza FERRAZ (1905–1988), pedagogo, psicólogo, contista, romancista e ensaísta, formado em Campinas em 1923, era um homem de grande apetência cultural e reconhecido internacionalmente no campo da psicologia, da qual era catedrático na Escola Normal de Limeira e também clínico nessa cidade. Fora aí que, após dirigir o *Suplemento Literário da Gazeta de Limeira* entre 1943 e 1947, fundara um dos mais duradouros jornais literários da América Latina, o *Letras da Província*, que dirigiu durante 40 anos, de 1948 até à sua morte. Escreveu, entre outras obras: (1933) ‘Interesse e Disciplina’, entrada para a *Enciclopédia Brasileira de Educação*, Porto Alegre: O Globo;

Meu Caro Delfim...

comunicação sobre ‘A psicologia e a filosofia do espírito’³⁸ e que viria a ser depois um de seus correspondentes brasileiros mais assíduos.

Sobre esse mítico congresso de Mendoza escreveu Alberto Buela:

*Esta libertad espiritual, este vigor del alma en su aplicación a los problemas filosóficos y políticos es lo que despertó aquel famoso congreso y que en la medida en que desaparecieron sus actores se fue perdiendo para terminar en la nada filosófica de la Argentina de hoy en día.*³⁹

Banalizadas e multiplicadas até o infinito, as reuniões científicas não alcançam hoje a repercussão internacional que tiveram em uma época em que tais eventos eram tão escassos quanto influentes e plenos de consequências: mudavam até por vezes as vidas dos participantes, como no caso de Casais Monteiro que viajou para o Congresso de Escritores do IV Centenário de São Paulo em 1954 e acabou permanecendo no Brasil para sempre, ou no de Jorge de Sena (1919-1978) que compareceu ao de lusistas da Bahia em 1959, para o qual Delfim fora também convidado, e que igualmente não voltaria para Portugal, partindo depois em 1965 para os Estados Unidos.⁴⁰

Delfim Santos filósofo

No meio português a preparação filosófica de Delfim era única, obtida nos grandes centros europeus (Viena, Cambridge, Berlim) e substanciada na leitura crítica e informada, na língua original, dos maiores nomes da filosofia coeva, desde o Círculo de Viena até à obra de Husserl e Heidegger, ao que se somava o fato de ter contado durante vários anos com a orientação direta da sua tese de doutorado por parte de Nicolai Hartmann (1882-1950), colega e rival de Heidegger que exercia então influente magistério na mais prestigiada universidade germânica, a de Berlim. Entre os alunos deste contavam-se igualmente Boris Pasternak e Hans-Georg Gadamer, tendo vindo a exercer profunda influência sobre Miguel Reale: «Na estruturação de suas doutrinas axiológicas e éticas, Miguel Reale é ainda influenciado, de certa forma, principalmente por Max Scheler e Nicolai Hartmann».⁴¹

(1939) *Noções de Psicologia da Criança com aplicações educativas*, São Paulo: Saraiva; (1950) *Compreensão Fenomenológica das Emoções*, Limeira: Letras da Província; (1961, 1965) *Psicologia do Adolescente*, Limeira: Letras da Província; (1966) *Tímidos e Angustiadados*, Limeira: Letras da Província; (1967) *Noções de Psicologia Educacional*, São Paulo: Saraiva; (1969) *Psicologia e Educação da Adolescência*, São Paulo: Saraiva; (1969) *A Psicologia e a Medicina do Espírito*, Limeira: Letras da Província.

³⁸ - Luis Juan GUERRERO (ed.) (1950) *Actas del Primer Congreso Nacional de Filosofía 3*, Buenos Aires: Universidad Nacional de Córdoba, 1390-94.

³⁹ - Consecuencias politológicas del congreso de filosofía del 49, <http://www.elortiba.org/notapas811.html>.

⁴⁰ - Em carta para Eduardo LOURENÇO escrita de Lisboa a 06.07.59 Jorge de SENA ainda previa apenas uma curta estada de 20 dias, com ida ao Rio de Janeiro: http://www.letras.ufrj.br/lerjorgesena/port/antologia/escritos_pessoais/texto.php?id=136.

⁴¹ - Renato Cirell CZERNA (1950) Panorama Filosófico Brasileiro, *Anais do I Congresso Brasileiro de Filosofia 1*, São Paulo: IBF, 246; cf. Ricardo V. RODRÍGUEZ (s/d) O Sentido da Meditação Filosófica – Miguel Reale e a influência recebida de Hartmann e Mondolfo, <http://www.defesa.ufjf.br/arq/Art458.htm>.

Meu Caro Delfim...

Hartmann era um dos expoentes da ontologia fenomenológica inaugurada por Husserl, corrente na qual Delfim depositava bem fundadas esperanças de superação das indigências do positivismo e do neopositivismo. Seu encontro com Delfim ocorrera quando este, ainda bolsista, se deslocara a Berlim expressamente para participar em seu seminário e no do famoso psicólogo educacionista Eduard Spranger; voltaria já como leitor de língua portuguesa para receber a orientação de Hartmann em seus trabalhos de doutorado; Heidegger ficou para trás, pois não hostil⁴² permutara seus primeiros intentos de ir para Friburgo pela missão de *situar* o novo positivismo *aggiornato*, sob gorado plano de conversão do jovem filósofo a credo alheio; mais para a frente as filosofias da existência voltariam a interessar Delfim que irá diuturnamente retornar à exigente leitura do mestre da Floresta Negra, sem que dele totalmente se acerque. Se alguns viram Delfim como existencialista foi porque, sobretudo nos anos cinquenta, se foi inspirando crescentemente no movimento existencial para o debuxo dos contornos da sua própria antropologia filosófica mas sem jamais se sujeitar à pertença a qualquer escola como se comprova nos debates ocorridos no Congresso de São Paulo aqui transcritos.

É assim que Vamireh Chacon acertadamente situa Delfim como herdeiro de uma tendência já desenhada em Pascoaes, Bruno e Coimbra e mapeável até Antero, corrente que, segundo este autor, suplantou as tendências logicistas dominantes em Portugal desde Pedro Hispano, passando pelos conimbricenses e desembocando no positivismo serôdio que oprimiu a universidade veterorepublicana e estadonovista:

*As insuficiências do logicismo serão constatadas, superadas a seu modo e maneira por Delfim Santos, que irá às próprias universidades da Áustria e Alemanha, em vésperas e inícios da Segunda Guerra Mundial, onde será aluno, porém não discípulo, porque deles discordante, de alguns dos principais representantes do Círculo de Viena. Delfim Santos preferirá inspirar-se, pelo menos em grande parte, na fenomenologia de Husserl e na filosofia existencial de Heidegger, embora em escala e qualidade inovadoras, autonomizadas. Insuficiências do racionalismo pressentidas por Antero de Quental, em grau mesmo de tragédia pessoal.*⁴³

Por não procurar as soluções ‘certas’ mas antes perguntas apropriadas e não ser refém de sistemas, Delfim era «autor filosoficamente não ligado a nenhuma escola», como reconhecia Lúcio Craveiro da Silva, «por isso lhe interessam os temas e não os sistemas».⁴⁴

Atitude basilar para Delfim era a recusa de todo o epigonismo, um dos flagelos da filosofia em Portugal, «porque filosofar não é aderir ao já pensado»,⁴⁵ entendendo o filosofar como procura incessante, viva e dinâmica, desafiante e aporética pois que, também nas palavras de Reale, «a universalidade da Filosofia está mais nas perguntas do que nas soluções»⁴⁶. O homem filosofante, já em ato radicalmente libertador, de preserva a autonomia

⁴² - Tal deriva se deveu a Joaquim de CARVALHO, como se lê em OC 4, 1998, n° 100 e n° 158. Para Delfim, «(o) estudo do positivismo de Viena e da logística, e do cálculo das expressões, e do fysicalismo foi uma condenação a trabalhos forçados a que me obrigaram sem eu ter requerido tal estudo», carta n° 57 a Casais MONTEIRO, OC 4, 1988.

⁴³ - AAVV. (2007) *Presença de Agostinho da Silva no Brasil*, Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 314.

⁴⁴ - Lúcio Craveiro da SILVA (1958) *Filosofia Europeia Contemporânea – Filosofia Portuguesa Atual*, *Revista Portuguesa de Filosofia* 14, 403; também Miguel REALE escreverá que «a universalidade da Filosofia está mais nas perguntas do que nas soluções», Miguel REALE (1987) 13.

⁴⁵ - Ver *infra* n° 85b.

⁴⁶ - REALE, Miguel (1987) 13.

Meu Caro Delfim...

de sua reflexão distanciando-se de todas as formulações sedutoramente definitivas e perigosamente inquestionáveis, como aquelas das pregressas tribos de seu tempo: neotomistas, marxistas, existencialistas... Assim se torna expositor dialogante da última dessas escolas, mas não engajado paladino.

Delfim Santos educador

Como seria de esperar, a sempre indigente universidade portuguesa, tradicionalmente hostil a todo sopro de inovação e mais ainda de contestação, e mal nascida como fora, no caso lisboeta, das sopas já frias do positivismo, e estagnada a coimbrã no racionalismo spinozista de Joaquim de Carvalho, se permitiu lépida e em próprio desproposito recusar o contributo de Delfim para quaisquer cursos de Filosofia, não desmerecendo assim do opróbio que para sempre a mancharia por ter preterido Leonardo Coimbra em favor de Mattos Romão na cátedra de Filosofia na Faculdade de Letras da capital portuguesa.

Porém, José Joaquim de Oliveira Guimarães, então diretor dessa Faculdade, convida Delfim para a Seção de Ciências Pedagógicas, permitindo-lhe assim realizar sua máxima vocação, a docente. Foi a partir deste reposicionamento que Delfim, com notável determinação e tenacidade, pôde construir uma fulgurante carreira universitária, tendo, como dissemos, entre os alunos da extinta Faculdade de Letras portuense, sido o único a fazê-lo em seu país, e vindo em sete anos a tornar-se o primeiro professor catedrático de Pedagogia em Portugal ao atingir o topo de sua carreira com a idade de 42 anos, um feito que o colocava entre os mais jovens catedráticos de Letras. E não que o caminho lhe tivesse sido fácil ou aplainado de escolhos, tudo pelo contrário.

Se o ensino da filosofia certamente muito perdeu com a troca, o da pedagogia tudo teve a ganhar; e Delfim conseguiu nas ciências pedagógicas bem maior audiência para seu magistério pois que agora eram não somente os alunos da Seção de Filosofia mas todos os finalistas destinados à docência que frequentavam suas cadeiras. Pôde assim realizar uma obra importante de atualização do pensamento pedagógico português, desenvolvendo pesquisas em história da educação sobre grandes pedagogos lusos entre os quais Adolfo Coelho, João de Deus e Almeida Garrett (de quem Delfim estudava documentação original aquando de seu súbito falecimento em 1966); visitou em missão científica os mais avançados centros europeus de investigação pedagógica, dessa forma apreciando as experiências estrangeiras e internacionalizando a portuguesa; tal como José Régio e os *presencistas*, pugnou pelo reconhecimento do cinema como arte maior e instrumento pedagógico, e lhe destinou algo de sua escrita como crítico e comentarista;⁴⁷ esteve também entre os que introduziram os meios de ensino audiovisuais; e como que pressentindo o desastre que espreitaria a educação se esta caísse refém das ideologias, devotou o melhor de suas forças a avocar incansavelmente a causa da promoção do ensino técnico-profissional e da dignificação do estatuto do aprendiz de artesão, aportando a essa peleja os contributos da psicopedagogia e até os da caraterologia enquanto coadjuvantes de uma atempada e séria orientação vocacional. Foi também ele quem estabeleceu as bases da pesquisa científica institucional na educação portuguesa no Centro de Investigação Pedagógica da Fundação Gulbenkian, cuja criação propôs e que irá dirigir desde 1963 até ao seu falecimento ocorrido três anos depois,

⁴⁷ - «A presença foi também das primeiras, em Portugal, pela pena de Régio, a dar ao cinema a atenção que ele merecia, outorgando-lhe estatuto de grande arte ao lado da literatura, da música, do teatro e das artes plásticas», Eugénio LISBOA (2001) *O Essencial sobre José Régio*, Lisboa: INCM, 41.

Meu Caro Delfim...

no ano em que também foi nomeado diretor do Instituto Pedagógico de Adolfo Coelho da Faculdade de Letras de Lisboa. Quando o seu desaparecimento causou comoção geral, foi o educador audacioso e o professor inspirado de gerações de futuros docentes ginásiais que foi então chorado, pese embora a que desde a publicação reunida de sua obra antes muito dispersa e em parte inédita ele seja hoje muito mais lembrado como filósofo do que pedagogo.

Parte da presente correspondência reflete a influência e o bom acolhimento da visão pedagógica delfiniana entre os professores ginásiais brasileiros, nomeadamente o carteio com a professora e pedagoga Maria Carlota Leite Silva, sua entusiástica leitora. Temas pedagógicos ressoam ainda na correspondência com Onofre Penteado e Amélia Domingues de Castro. No final deste volume acham-se reunidos alguns ecos do interesse de Delfim pela história da educação e da pedagogia no Brasil.⁴⁸

Delfim Santos e a filosofia no Brasil

À época do Congresso de Mendoza, Delfim centrava pois seus interesses no estudo da pedagogia, ou daquilo que hoje melhor se chamaria Filosofia da Educação. Consolidara o seu prestígio dentro e fora da universidade pela constante participação em conferências públicas, palestras, simpósios e mesmo colunas de opinião e crítica em diários de grande circulação, onde exercia apreciável influência sobre os meios cultos e informados de seu país. E ainda que afastado da Seção de Filosofia logrou reger ocasionalmente em sua faculdade os cursos de História da Filosofia da Antiguidade e da Época Moderna.

Em Mendoza Delfim participa duplamente nas seções de filosofia e de pedagogia. E é aí que se lhe abre uma surpreendente oportunidade de franco e amistoso intercâmbio com os brasileiros filosofantes que então se internacionalizavam, procurando manter estreitas relações com seus colegas europeus. Para Delfim o ano de 1949 inaugura seu convívio com a *intelligentsia* brasileira.

Evoquemos o juízo de Miguel Reale sobre dois dos correspondentes mais ativos de seu carteio transatlântico:

*Vicente é sem dúvida o maior metafísico existencial da língua portuguesa. Luís Washington foi o grande artífice da união dos pensadores brasileiros e portugueses, que culminou, mais tarde, com a fundação do Instituto de Filosofia Luso-Brasileira.*⁴⁹

Duas personalidades singularíssimas e de polaridade oposta – ao angustiado existencialismo de Vicente, metafísico e neopagão, com ‘seu profundo reacionarismo’,⁵⁰ ou talvez antes pessimismo, se opunha Luís Washington virulentamente materialista porém amigo e admirador de Vicente, vindo mais tarde a estudar e divulgar o legado filosófico do seu companheiro.⁵¹

⁴⁸ - Ver *infra*, Anexo II-5.

⁴⁹ - REALE, Miguel (2005.07.16) Panorama Filosófico Brasileiro, <http://www.miguelreale.com.br/artigos/panfilbr.htm>.

⁵⁰ - Nas palavras de Luís Washington, ver *infra* carta n° 44 de 31.01.52.

⁵¹ - VITA, Luís Washington (1963) Vicente Ferreira da Silva (1916-1963), São Paulo: *Revista Brasileira de Filosofia* 13, n.º 5, 373-377; VITA, Luís Washington (1969) Vicente Ferreira da Silva, *Panorama da Filosofia no Brasil*, Porto Alegre: Globo, 134-138.

Meu Caro Delfim...

Foi com Vicente Ferreira da Silva (1916-1963) que, como vimos, era o polo aglutinador do círculo místico em forte oposição à cultura oficial, com quem Agostinho ensaiara experiências neomonásticas e a quem Eudoro encantara com o seu capital de germanismo e de ciência mitológica, que Delfim terá uma mais provocante troca de ideias por via epistolar. É também nas cartas que dele recebe, mesmo que ecoando discordâncias, que encontramos um tom mais íntimo e próximo, mais com o homem e sua perplexidade ante o desacerto do mundo que com seus ideários desesperançados e apocalípticos. Reveladora é a circunstância de ter sido com Vicente que Delfim mais assiduamente se correspondeu. Sem dúvida o núcleo deste carteggio é não só o mais rico literariamente como também o mais profundo filosoficamente. Já em 2002 Jorge Jaime chamara a atenção para a existência e importância destas missivas: «Vicente Ferreira da Silva ... consolidou vínculos intelectuais com vários professores de filosofia de renome mundial, tais como ... Delfim Santos... com os quais manteve assídua correspondência até o fim dos seus dias».⁵² Certamente as palavras de Eudoro ecoariam em Delfim: «O Vicente é o homem com quem encontrei mais afinidades, – sintonizamos perfeitamente!».⁵³ Quando A. Teixeira propôs o estudo comparativo de alguns pares de filósofos luso-brasileiros, como Antero de Quental e Tobias Barreto, Sampaio Bruno e Farias Brito, António José Brandão e Miguel Reale, ele associou muito previsivelmente Delfim a Vicente,⁵⁴ uma escolha sugerida pelos comuns interesses pelas filosofias da existência sobrevivendo às pesquisas sobre a logística,⁵⁵ ainda que com leituras algo divergentes como se confere aqui. Vicente reflete poderosamente o «sentimento de inconformidade e mal-estar do homem em um mundo a que ele foi lançado sem saber porquê e para quê»,⁵⁶ a kierkegaardiana agonia perante o absurdo de uma vida brutalmente insensível ao individual. Raramente alguém se expôs em carne viva em um epistolário como o fez Vicente, em linhas que são um expoente máximo da prosa existencial missivista confessional.

Já para Luís Washington (1921-1968) a ‘superação existencialista’ proviria do encontro entre «Kierkegaard, Nietzsche, Heidegger, de um lado, e do outro, Feuerbach, Marx, Mannheim»,⁵⁷ sendo o próprio Luís Washington um dos que no Brasil representariam esse existencialismo marxizante de tão grande fortuna na Europa do Pós-Guerra. Em suas linhas nervosas e por vezes ácidas lateja o impaciente choque de gerações e um ceticismo que não poupa adversários nem amigos. Grande propugnador dos estudos de história da filosofia no Brasil, será com base em seus trabalhos que Delfim escreverá a entrada relativa à ‘Filosofia no Brasil’ para o *Dicionário de Literatura*.⁵⁸ Miguel Reale faz questão de transcrever em suas *Memórias* uma extensa e encomiástica apreciação de Luís Washington por parte de Álvaro

⁵² - Jorge JAIME (2002) *História da Filosofia no Brasil* 4, Petrópolis: Vozes, 177; o testemunho deste autor documenta assim a existência destas cartas, *pace* informação em contrário prestada pelo Instituto Moreira Salles.

⁵³ - *Infra*, carta nº 80 de 18.05.54.

⁵⁴ - A. TEIXEIRA (1982) Convergências e Peculiaridades das Filosofias Portuguesa e Brasileira, Atas do I Congresso Luso-Brasileiro de Filosofia, *Revista Portuguesa de Filosofia* 38, 103.

⁵⁵ - Delfim e Vicente foram autores respectivamente das primeiras monografias em língua portuguesa sobre a logística e de logística: (1938) *Situação Valorativa do Positivismo*, Berlim: Emil Ebering e (1940) *Elementos de Lógica Matemática*, São Paulo: Cruzeiro do Sul.

⁵⁶ - Delfim SANTOS (1943) O Valor da Ironia, Lisboa: *Variante*, 74-76.

⁵⁷ - *Infra*, carta nº 41 de 01.10.51.

⁵⁸ - *Infra*, Anexo II-4.

Meu Caro Delfim...

Ribeiro, «pensador português que meu saudoso amigo Delfim Santos tinha na mais alta conta».⁵⁹

Outros nomes desta época são dignos de menção: a esposa de Vicente, Dora Mariana Ribeiro Ferreira da Silva (1918-2006), poetisa, tradutora e germanista, que por incentivo do marido traduzirá para português Hölderlin e Rilke, os dois grandes poetas do heideggerianismo. Ela insistentemente convida Delfim para colaborar nas revistas literárias e culturais que promoveu com Vicente, assistida pelo Eng.º Milton Vargas (1914-) que acompanhava Vicente desde a fase logicista deste, e que «apesar de seus amores pela filosofia das ciências dava apoio à mitologia de Vicente».⁶⁰

De Mendoza a São Paulo

Os filósofos paulistas interessaram-se imediatamente por Delfim, como se comprova pelos telegramas enviados de São Paulo para a Argentina procurando aproveitar sua passagem pelo Brasil em seu regresso a Lisboa⁶¹. E logo após o convidam a enviar uma comunicação ao Primeiro Congresso Brasileiro de Filosofia, em março de 1950, em São Paulo. Delfim causa algum constrangimento ao remeter um trabalho já publicado (a republicação não era rara naquela época e Delfim chegou a autorizar até cinco publicações de um mesmo texto); não obstante o texto é aprovado para inclusão nos *Anais*.⁶²

Se os argentinos se adiantaram aos brasileiros na organização de grandes congressos de Filosofia, os brasileiros nesta matéria estavam à frente dos portugueses: iniciada em 1950, a série de congressos brasileiros organizados por Reale contou com sete edições até 2002, enquanto o português Primeiro Congresso Nacional de Filosofia, promovido pela Faculdade de Filosofia de Braga, somente se realizaria em março de 1955, cinco anos após o evento congênere brasileiro,⁶³ e foi o único da sua série, tendo se devido largamente à iniciativa de Severiano Tavares, companheiro de Delfim na viagem para Mendoza de 1949, que não chegaria a tomar parte no evento que organizou ao falecer dois meses antes.⁶⁴

É em momento de celebração geral que Miguel Reale consegue incluir, nas variadas comemorações do IV Centenário da Fundação da Cidade de São Paulo, um Congresso Internacional de Filosofia que complementaria similares congressos internacionais de

⁵⁹ - REALE, Miguel (1987) 72.

⁶⁰ - REALE, Miguel (1987) 33.

⁶¹ - *Infra*, carta nº 18A e 18B de 08.04.49 e 14.04.49.

⁶² - *Infra*, carta nº 34 de 21.07.50.

⁶³ - Diferente era o caso das publicações: a *Revista Portuguesa de Filosofia* se iniciou em 1945 também por iniciativa de Severiano Tavares e de seus colegas jesuítas de Braga; somente em 1951 teve início a *Revista Brasileira de Filosofia* de Miguel Reale: «Quando contemplo os trinta e cinco volumes desta publicação que, em 1986, correspondiam a cento e quarenta e quatro fascículos trimestrais, editados com regularidade, não sei como foi possível realizar tal façanha, ao longo de tantos anos», REALE, Miguel (1987) 3.

⁶⁴ - Delfim, para além de presidir a uma das três seções do congresso de Braga de 1955, foi convidado para orador da sessão solene inaugural, tal como o foi em 1954 no Congresso Internacional de Filosofia de São Paulo promovido por Miguel REALE. Todas as correspondências com a organização do Congresso português estão publicadas em Filipe Delfim SANTOS e José António ALVES, *Delfim Santos e a Escola de Braga*, Braga: Faculdade de Filosofia, 2001.

Meu Caro Delfim...

escritores, de americanistas, de juristas, de folcloristas, etc.⁶⁵ Os três círculos filosóficos de São Paulo se uniram para esta celebração: Vicente será o secretário e Reale faz «questão de contar com o apoio» do grupo da Maria Antônia «por não haver razão para os pensadores de São Paulo continuarem desunidos».⁶⁶ Sobre esse momento alto da filosofia luso-brasileira que foi o congresso paulista de 1954 aqui se incluem os documentos preparatórios oriundos dos dois países e endereçados ao filósofo português.⁶⁷

É a propósito da ida de Casais Monteiro para o Congresso que Agostinho da Silva relembra seu reencontro com Delfim em São Paulo: «Não sei se vi [Casais Monteiro] em São Paulo, na altura do Centenário, quando devia ele estar por Congressos – mas vi Delfim Santos, outra cria do Porto – e trabalhava eu na exposição de história».⁶⁸

Será nesta segunda visita ao Brasil, cinco anos após o trânsito para e da Argentina, que Delfim permanecerá mais tempo em terras de Vera Cruz, durante todo o mês de agosto de 1954, visitando São Paulo e regressando ao Rio de Janeiro após o Congresso. Mais de um ano passado sobre «esses dias eufóricos do Congresso», ainda Delfim recorda os encontros estimulantes durante e após os trabalhos do congresso, ou as visitas particulares à família Reale que se seguiram ao termo dos trabalhos.⁶⁹ Não voltará a repetir a grata experiência e estará ausente de outras reuniões magnas como a que irá ter lugar cinco anos depois, na Bahia.

Mais tarde, em 1962, recebe ainda em Portugal a visita de Miguel Reale, «ao empreender nova viagem à Europa (...) para atender ao honroso convite que me fora feito por Inocêncio Galvão Telles, Diretor da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa,⁷⁰ para na qualidade de professor visitante, fazer um curso (...) O embaixador do Brasil, Negrão de Lima, compareceu a várias [sessões]. É claro que aproveitei a oportunidade para estreitar ainda mais as relações com filósofos portugueses, sobrelevando a todos a amizade que devotava a Delfim Santos...».⁷¹

Delfim Santos e a Bahia

E chegamos agora à «Bahia e àquela Universidade que a imaginação, a inteligência, a habilidade humana e o prestígio de Edgard Santos transformara numa espécie de corte do Renascimento».⁷² Precisamente este primeiro reitor da Universidade da Bahia, novo Lourenço

⁶⁵ - Escreve REALE: «Autorizado pelo Governador Lucas Nogueira Garcez, assumi o compromisso de organizar em São Paulo um Congresso Internacional de Filosofia, em 1954, por ocasião do IV Centenário da cidade», REALE, Miguel (1987) 9.

⁶⁶ - REALE, Miguel (1987) 30.

⁶⁷ - Para além de Delfim, também Federico SCIACCA, de Génova participou oficialmente nos dois congressos, o de São Paulo 1954 e o de Braga 1955, mas no segundo esteve ausente por doença e apenas enviou comunicação. São Paulo não se fez representar em Braga, provavelmente devido ao carácter demasiado 'tomístico' e clerical deste evento, mas três universidades brasileiras enviaram delegados.

⁶⁸ - SILVA, Agostinho da (1974, 2007) 401.

⁶⁹ - *Infra*, carta n.º 98 de 08.12.55.

⁷⁰ - e nesse mesmo ano nomeado Ministro da Educação Nacional.

⁷¹ - REALE, Miguel (1987) 89-90.

⁷² - SILVA, Agostinho da (1974, 2007) 402.

Meu Caro Delfim...

de Médicis, não se resignava a dispensar Delfim de sua coorte acadêmica, mas por intervenção direta do Ministro da Educação português Delfim é impedido de cumprir um ano ou sequer um semestre de lecionação na Bahia, sendo apenas tolerada sua ausência de Lisboa por três meses. Lemos aqui as cartas de Edgard Santos para o filósofo português e para Nemésio em que o Reitor demonstra todo seu empenho na ida de Delfim para a universidade soteropolitana; ou ainda as de Hélio Simões, o lusista titular de Literatura Portuguesa da Universidade da Bahia, fundador e diretor do Círculo de Estudos Portugueses (1949), mais tarde Instituto de Estudos Portugueses (1955) na Faculdade de Filosofia dessa universidade, que igualmente não dispensa a vinda de Delfim para o IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros que se iria realizar de 10 a 20 de agosto de 1959 na Universidade da Bahia⁷³ e que seria «o evento de maior envergadura dos reitorados de Edgar Santos. Promovido com apoio da UNESCO, constitui a iniciativa mais ostensiva da Universidade com relação a Portugal e aos projetos de luso-brasilidade».⁷⁴

*Hélio Simões coordenou a vinda à Bahia de intelectuais portugueses, como Vitorino Nemésio; professores, ensaístas e escritores dos mais destacados, a exemplo de Hernâni Cidade, Costa Pimpão, Casais Monteiro (Letras) e Eduardo Lourenço (Filosofia), para lecionar na Universidade, realizar seminários, cursos e conferências.*⁷⁵

O IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros contou com as participações, entre outros, do *situacionista* Joaquim Paço d’Arcos que apresentou um estudo sobre o refugiado monárquico Carlos Malheiro Dias, as dos *presencistas* Casais Monteiro e seu colega na revista e na crítica literária João Gaspar Simões,⁷⁶ do ‘*nacional-espiritualista*’ Agostinho da Silva, de Eduardo Lourenço e Jorge de Sena⁷⁷, bem como de Marcello Caetano enquanto reitor da Universidade de Lisboa, «o único que fazia política dentro do interior do regime. Política intelectual, de participação e de interesse pelas pessoas».⁷⁸ Com o fim do

⁷³ - Até ao Colóquio da Bahia já se haviam realizado os de Washington (1950), de São Paulo (1954) e de Lisboa (1957); a carta *infra* nº 74 de 11.03.54 alude a um convite para o II Colóquio, também integrado nas comemorações paulistanas do IV Centenário; ver Francis M. ROGERS (1955) *The Second International Colloquium on Luso-Brazilian Studies*, *Hispania* 38-1, 23-26, sendo que a carta *infra* nº 110 de 20.12.58 se reporta ao IV Colóquio de 1959, na Bahia.

⁷⁴ - M. RIBEIRO (2003) ‘Relações Bahia-Portugal na contemporaneidade: memória e esquecimento; encontros e desencontros’, Salvador: *Bahia Análise & Dados*, 13 - 1, 114.

⁷⁵ - M. RIBEIRO (2000) Acasos de uma errância brasileira, *Via Atlântica* 4, 287.

⁷⁶ - E nem faltou um caso muito especial: o de João Gaspar Simões, que, sem ter jamais morado no Brasil, foi como se tivesse vivido no país por alguns anos, aqueles em que respondeu, sem sair de Lisboa, pela crítica de livros brasileiros num dos maiores jornais cariocas, Alberto da Costa e Silva (1999) Portugal, de minha varanda, *Via Atlântica* 2, 28.

⁷⁷ - Sobre a projetada breve estadia de Jorge de SENA no Brasil que afinal se revelaria de longa duração ver carta para Eduardo LOURENÇO de 06.07.59: «E são tantos os trabalhos em mãos que ficam suspensos e que tenho de dispor para largar isto por cerca de 20 dias (pois não hei-de ir ao Rio?) que não posso dispor a minha vida nem des-dispô-la! (...) Tudo uma macacada, que será devidamente orientada pelos Marcelos, como se verá. Dê as minhas melhores lembranças e saudades ao Casais – e espero firmemente poder abraçar-vos em breve». Cf. http://www.lettras.ufrj.br/lerjorgedesena/port/antologia/escritos_pessoais/texto.php?id=136

⁷⁸ - Na opinião de Eduardo LOURENÇO, em LOURENÇO de Faria, Eduardo (2009) 300. Inesperadamente, após atribulada passagem pela Presidência do Conselho de Ministros, Marcello Caetano daria também continuidade à sua carreira universitária no Brasil, este sim em verdadeiro exílio. Apesar de Agostinho ter afrontado Marcello quanto à questão colonial apresentando uma

Meu Caro Delfim...

Colóquio cai o pano sobre dois de seus dinâmicos promotores: Eduardo Lourenço deserta no último dia para França e o contrato com Casais Monteiro não é mais renovado — ele retorna ao Rio de Janeiro levando consigo Jorge de Sena. Só Agostinho se segura na *África brasileira* por mais 2 anos, saindo para Brasília em 1961, onde reencontrará Eudoro, completando assim o ciclo de convívio com ele iniciado em São Paulo e em Santa Catarina. Agostinho ainda voltará à Bahia em 1964. Foi então por somente 10 dias que esteve reunida uma verdadeira constelação de expatriados lusos, passados, presentes e futuros. Ausente Delfim, jamais desterrado senão em sua própria terra.

A despedida do Brasil

Em 10.09.65, um ano antes de falecer vítima de enfarte do miocárdio, Delfim recebe uma condecoração brasileira. Conserva-se testemunho das fotos do ato de entrega em pequena cerimônia havida a 22.10.65 no Centro de Investigação Pedagógica da Fundação Calouste Gulbenkian, sendo este o último elo da relação entre Delfim e o Brasil. Seria a única condecoração de sua vida plena de distinções honoríficas, como as das muitas pertenças às mais prestigiadas sociedades científicas estrangeiras, mas parca em medalhas e comendas.

Tratava-se da medalha e do diploma comemorativo do *Bicentenário de José Bonifácio de Andrada e Silva* com que fora distinguido naquele ano pela Secretaria da Educação do Governo do Estado de S. Paulo. As fontes não são explícitas quanto à autoria desta iniciativa. A medalha do Bicentenário fora criada em 04.06.63. Várias entidades paulistas as atribuíram então a entidades e personalidades estrangeiras e logo em 10.10.63 a Academia das Ciências de Lisboa a recebeu das mãos de Divaldo Gaspar de Freitas, por outorga do prefeito municipal da cidade de Santos. O acadêmico Delfim Santos esteve presente nesta cerimônia.⁷⁹ É certo que entre 31.01.63 e 24.04.64 Miguel Reale dirigiu a Secretaria de Justiça do Estado com funções de conselheiro na Secretaria de Educação,⁸⁰ mas o diploma é explícito quanto à data da concessão, ou seja, mais de um ano após a saída pouco pacífica de Reale. O titular da Secretaria de Educação era agora o jurista José Carlos de Ataliba Nogueira, do governo de Adhemar Pereira de Barros.

E também aqui cai o pano tragicamente: a última carta de Delfim para o Brasil, de 15.03.65, é para Luís Washington, e não podia ser mais sombriamente premonitória: lamenta a morte de Vicente em acidente funesto, e afirma estar «muito triste com a pouca sorte» do amigo. «Pouca sorte» é dizer pouco, se atentarmos na descrição pavorosa do brutal acidente que levaria Vicente, aos 47 anos de idade, a 19 de julho de 1963, para «a terra dos deuses», como escreveu Reale.⁸¹ E Delfim comenta ainda com que pesar soube que Luís Washington estivera em Portugal em inícios de 1965 sem o procurar a ele em Lisboa. Recebe os votos de Boas Festas e Bom Ano para 1966 por parte de Hélio Simões que lhe não escrevia há seis anos e inesperadamente se lembra dele. As nuvens se acastelam e toda tragédia tem 3 atos: Delfim é flagrado pela morte a 25 de setembro de 1966, com 58 anos, e a 28 de outubro de

comunicação em tudo contrária ao sentido da alocução solene de abertura pronunciada pelo professor de Direito, este, mal chegado ao poder, não hesitou em autorizar o seu regresso a Lisboa em 1969.

⁷⁹ - Conforme o *Boletim da Academia das Ciências de Lisboa*, 1963, Nova Série, vol. 35, 277.

⁸⁰ - «Minha participação no governo não ficou, porém, restrita à Secretaria de Estado da Justiça (...) Quando chegou o momento de constituir o Conselho Estadual de Educação [...passaram...] a figurar (...[entre outros]) Miguel Reale». REALE, Miguel (1987) 97-98.

⁸¹ - REALE, Miguel (1987) 99.

Meu Caro Delfim...

1968 cabe a vez a Luís Washington, com 47 anos como Vicente. Em cinco curtos anos tinham desaparecido os três protagonistas deste livro epistolar. Há ainda uma troca de mensagens entre a viúva de Delfim e o amigo por curto tempo sobrevivido, a par de outras com Reale, esse sim de contrastante longevidade. E assim se selaram as últimas missivas de um *namoro* com o Brasil, país a que nenhum português poderá jamais ser indiferente.

O Brasil no acervo do Arquivo Delfim Santos

A presente recolha documental reconstruiu os passos que se conservam no Arquivo com mais alguns elementos recolhidos no exterior sob uma perspectiva de história total, usando como fontes não somente a epistolografia mas ainda a documentação oficiosa, artigos de imprensa, imposições de condecorações, fotografias de época, a micro-história de um ofício administrativo, de um telegrama ou de um bilhete-postal, até à macro-história dos grandes debates e embates de ideias, sem esquecer as evocações planejadas para o *In Memoriam de Delfim Santos* da autoria de Luís Washington⁸² e de Miguel Reale, que então se publicaram alhures.⁸³ Solicitado para essa homenagem, Adolfo Casais Monteiro requereu moratória e acabou não contribuindo.⁸⁴ Outro eixo importante à volta do qual os correspondentes vão trocando ideias são os livros que publicam e logo remetem a seus colegas; existem mesmo alguns planos e projetos de edições e traduções que não chegam a se consumir mas que constituem os elos perdidos da cadeia de maturação dos nossos filósofos, unicamente reconstituíveis pelas presentes cartas.

A correspondência abrange também as peças remetidas pelos portugueses que trabalhavam e ensinavam nas universidades brasileiras, como os já citados Fidelino de Figueiredo, Eudoro de Souza, Eduardo Lourenço ou ainda Vitorino Nemésio. Igualmente se incluem nomes menos conhecidos como o da poetisa Dulce Carneiro e de outros intelectuais exteriores aos círculos paulistanos; uma peça curiosa é a carta de Dolores Corrêa da Silva, uma amiga de Delfim dos tempos da emigração de sua família, que nos faz retornar aos humildes inícios de quem viveu esta longa história de amor com um país, sentido sempre tão próximo e tão distante.

Recriou-se assim o quadro total das relações entre Delfim e o Brasil, onde não faltam surpreendentes passagens neste intenso comércio transatlântico de notícias, esperanças e ideias: a queda de um avião, o naufrágio de um navio e a imprevista viagem a bordo de outro, um ocasional *flirt* feminino, um perfume de intriga política e movimentações diplomáticas... Pequenos e grandes incidentes de uma intensa vivência que transbordou muito para além das duas breves visitas de Delfim ao Rio de Janeiro e da curta estada em São Paulo para o Congresso do Centenário. Sem dúvida os documentos aqui disponibilizados irão também permitir um conhecimento mais circunstanciado da vida e das ideias dos filósofos, professores e pedagogos que tanto fizeram para prestigiar o Brasil entre seus colegas europeus e que nós, seus leitores, surpreendemos aqui em caloroso diálogo mantido com um de seus interlocutores mais cúmplices, Delfim Santos.

⁸² - *Infra*, nº 119, 04.07.67: *Silêncio e extraposição*; nº 127b, de 18.04.68: *Delfim Santos, desafiante historiador das ideias*, um estudo enviado à viúva do amigo português apenas seis meses antes de sua própria morte.

⁸³ - *Infra*, nº 122b, 13.02.68: *Delfim Santos, um filósofo da realidade*.

⁸⁴ - *Infra*, carta nº 125, de 07.03.68.

Azares da sobrevivência da escrita epistolar

Enquanto a matéria publicada se pode encontrar às centenas de exemplares, as missivas existiam geralmente em uma única versão, no máximo em duas quando a cópia era conservada pelo remetente, algo que ocasionalmente Delfim providenciava, mas não sistematicamente. Já o preservar de todas as linhas recebidas isso era garantido, mas quase nunca dos sobrescritos.

Foi pois preocupante ouvir José Maurício de Carvalho comentar, no término de suas quase infrutíferas buscas por alguns arquivos do Brasil potencialmente depositários de missivas delfinianas, que «os brasileiros não guardam as cartas recebidas, não lhes dão qualquer valor, quase sempre as destroem». Reflexos talvez do que Massaud Moisés escrevera em 1969 sobre ser a epistolografia um «dos capítulos mais pobres da literatura brasileira», pobreza da qual no período colonial ele apenas isenta Vieira, este inserido em uma grande tradição epistolográfica jesuíta cujo globalizado império espiritual e escolar forçava os religiosos a alimentar constantes carteios. É ainda Moisés quem nota que a epistolomania, que datava na Europa pelo menos do séc. XVI, só chegou ao Brasil em finais do séc. XIX e com não muita força.⁸⁵ Se assim é teremos perdido a mais espontânea parte da produção dos Autores que bem merecia ser conhecida.⁸⁶

Eis porque nesta recolha de cartas do Brasil de e para Delfim, em quase 130 peças apenas 14 são do filósofo português (cerca de dez por cento): salvou ele com cuidado e desvelo as linhas de quem desapreciou as suas. Porém é ainda possível que em novas pesquisas se encontrem outras cartas, sobretudo agora que a edição das aqui presentes revela a importância e o peso da *intelligentsia* brasileira no percurso do pensador português.

Esta edição reúne tudo aquilo que foi possível encontrar até este momento, dentro e fora do Arquivo Delfim Santos. A consulta ao espólio de Miguel Reale rendeu três peças epistolográficas com os n.s 99, 114 e 115. O rico acervo soteropolitano de Hélio Simões, através de M. Ribeiro, reportou nada constar sobre Delfim porém não convenceu. O Eng.º Milton Vargas informou pessoalmente não ter guardado as cartas que Delfim lhe dirigiu. O espólio de Souza Ferraz estaria com o filho em São Paulo em condições de incerto acesso. Não houve notícias positivas por parte dos filhos de Luís Washington. Os espólios de Carneiro Leão e de outros correspondentes não foram ainda localizados.

A grande esperança reside pois na pesquisa exaustiva no espólio do casal Ferreira da Silva. A família tudo fez, até agora sem sucesso, para encontrar as cartas endereçadas por Delfim no espólio do filósofo paulistano depositado no Instituto Moreira Salles, em São Paulo. Na eventualidade de novos achados a presente recolha será completada.

Agradecemos a Maria Ondina Pereira Gonçalves, Diretora da Escola Delfim Santos, que propiciou a recolha de informações no Museu Delfiniano; a Maria Helena Madureira e Castro, a quem se deve a competente triagem inicial da correspondência de Delfim; a João Nuno Alçada, do Arquivo Eduardo Lourenço, que forneceu a peça n.º 112; e a Jacyntho Lins Brandão, que em outubro de 2007, dirigindo então a Faculdade de Letras da Universidade

⁸⁵ - Massaud MOISÉS (1969) *Epistolografia na literatura brasileira*, Jacinto do Prado COELHO, *Dicionário de Literatura* 1 Porto: Figueirinhas, 298.

⁸⁶ - O futuro da epistolografia é hoje risonho: em seguida à grande ameaça que constituiu a introdução do telefone, erradicador dos hábitos epistolográficos dos homens de cultura (há reflexo dessa decadência na qualidade e quantidade da epistolografia delfiniana dos anos cinquenta e sessenta), a ressurreição da palavra escrita operada pela internet resgatou o hábito missivista e tornou mais segura a conservação das correspondências.

Meu Caro Delfim...

Federal de Minas Gerais, aí promoveu e se interessou pessoalmente pela homenagem brasileira ao centenário do nascimento de Delfim Santos. Foi durante as sessões desse evento em boa-hora acolhido na capital mineira que nasceu o projeto deste livro, *Delfim Santos e o Brasil*.

Filipe Delfim Santos

Lisboa, 14 de março de 2011.